

FOME DE SIGNIFICADO

Notas do Dia de Fim de Ano
Letivo dos Colegiais
com Julián Carrón e Francesco Barberis

*Por videoconferência,
2 de junho de 2021*

CL

Tradução de Cláudio Cruz
© 2021 Fraternidade de Comunhão e Libertação
para o texto de Julián Carrón

**Notas do Dia de Fim de Ano
Letivo dos Colegiais
com Julián Carrón e Francesco Barberis**

Por videoconferência, 2 de junho de 2021

*Cantos: Martino e l'imperatore (Claudio Chieffo)
Vieroju – Credo (coro)*

Francesco Barberis. Bom dia a todos! Estamos aqui em Milão com Padre Carrón, a quem agradeço muitas coisas, em particular uma que vou dizer em breve. Junto comigo e com Pe. Julián estão outros amigos para esta assembleia, contida no Dia de Fim de Ano Letivo dos Colegiais, intitulado “Apesar de tudo, temos fome de um significado na vida”. Há mais de duzentos grupos conectados, com mais de três mil participantes, e chegaram mais de cem contribuições de vocês, jovens, para este dia. Eu os li todos – estou orgulhoso! – e agradeço um a um pelo que escreveram e testemunharam.

A verificação deste tempo é se crescemos, se a dificuldade foi ou não um obstáculo para o crescimento do olhar e da razão, como uma de vocês escreveu: «Entre os ritmos aparentemente monótonos da vida que às vezes me tornam árida no dia a dia, aconteceu algo que me marcou, como se me

tivesse puxado para si: meu coração não conseguiu aguentar-se diante do pequeno pavio que se acendeu dentro de mim». Outra amiga observou: «Comecei a me olhar, mas não para me comparar com os outros ou para chamar a atenção. Passei concretamente a me descobrir e a descobrir perguntas que tenho no coração já faz um tempo». Outro ainda, depois de ter escutado no Tríduo Pascal o testemunho do nosso amigo Alfonso Calavia, escreveu que quer «viver o cristianismo como uma experiência amorosa». E por fim uma amiga disse: «Tenho certeza de que cada ação e cada situação, até a mais terrível, tem dentro de si um pouquinho de bem. Sem estes meses, provavelmente eu não teria me dado conta da beleza das pequenas coisas».

Uma das afirmações de Dom Giussani que mais deixaram uma marca quando ouvimos as palestras do Pe. Andrea no Tríduo foi esta: «A solução dos problemas que a vida coloca todos os dias “não vem diretamente de enfrentar os problemas, mas de aprofundar a natureza do sujeito que os enfrenta”» (L. Giussani apud A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 504). Certas afirmações nos entram na alma, nos desafiam, quando as surpreendemos na vida cotidiana. E é por isso, Julián, que quero agradecer-lhe particularmente, porque a companhia que você me faz e nos faz é nesse nível. Eu, que sou um qualquer, a cada instante posso retomar a vida com essa humanidade e essa razoabilidade que você testemunha constantemente. Assim, cada circunstância torna-se uma ocasião para dar um passo, para descobrir algo de mim, e não só para mim, mas também para o mundo inteiro, para todas as pessoas que encontramos.

Participante. *O que aprendi nestes meses, especialmente depois dos três dias do Tríduo, foi que a vida é uma batalha não contra a covid e o ensino remoto, que são circunstâncias, mas contra o nada. Com «o nada» quero dizer aquilo que me causa uma sensação de vazio. É a sensação ruim e triste que eu tinha constantemente no auge da pandemia e que me fazia ficar mal. Depois do Tríduo eu não queria mais viver esse nada, agora não quero mais viver esse nada. Como disse Alfonso Calavia durante seu testemunho: «A necessidade*

luta contra o nada». Na verdade, demorei para entender essa frase. Se entendi bem, significa que somos nós, com nossas exigências e nossos desejos, que temos de reagir ao nada e contra-atacar: basta viver a vida de maneira passiva, basta contentar-se, basta fingir que tudo está bem! Eu quero ir dormir feliz, quero viver todo dia com o coração cheio. Nós fomos feitos para ser felizes e, como descobri no Tríduo, para sermos felizes precisamos comparar o que temos na frente com as exigências do nosso coração. Eu tenho de me perguntar se uma coisa me convém ou não, tenho de entender o que meu coração quer, o que procura, que necessidade tem. Nestes dias tenho descoberto que o que meu coração quer é uma presença. Descobri isso graças aos encontros com os meus amigos. O que venho tentando fazer nestes dias, então, é descobrir em cada pessoa a presença que meu coração tanto deseja.

Participante. *Algumas semanas atrás, nosso grupo leu a segunda ficha do Tríduo, a que falava de Judas, entre outras coisas. A ficha dizia que ele, que convivia com Jesus e tinha os olhos repletos de fatos excepcionais, estava sempre num estado «à espera de», parecia-lhe que nunca chegava a um ponto resolutivo que derrotasse definitivamente seus limites e seus problemas. Para mim, parece que estou sempre na mesma situação: embora eu também tenha os olhos repletos de fatos excepcionais – realmente excepcionais! –, que parecem indicar um caminho certíssimo diante de todas as perguntas que surgem, a tristeza permanece e, aliás, em alguns casos parece ser muito maior e mais profunda. Então queria perguntar: a tristeza que, ao menos pelo que eu acho que estou descobrindo, permanece pode não ser uma objeção ao que encontrei?*

Julián Carrón. *Olá a todos! Sempre fico feliz de encontrá-los, porque com sua franqueza, sendo leais consigo mesmos, vocês sempre põem na mesa as urgências que têm enquanto jovens. Estes meses têm sido realmente, para todos nós, e então também para vocês, uma provocação única, talvez a maior que já enfrentamos na vida. Agora parece que tudo está passando, mas todos*

nos lembramos de que não foi imediato – enquanto o estávamos atravessando – entender o significado do que estava acontecendo. Portanto, a questão é se esta circunstância, com a sensação de vazio que às vezes dominou a nossa amiga que falou primeiro, permitiu que ela descobrisse algo. O ponto é se essa provocação do real nos fez descobrir alguma coisa, se o vazio que temos em nós ou – como disse quem acabou de falar – a tristeza que percebemos nos faz descobrir algo de nós. Cada provocação da realidade representa uma ocasião para aprofundarmos cada vez mais aquilo que somos. Muitas vezes achamos que temos de aprendê-lo não sei onde ou seguindo não sei qual caminho estranho. Não, amigos, nós só podemos descobrir quem somos se vivermos. Você conseguiria ter imaginado que tem um coração tão grande a ponto de experimentar aquele vazio, mesmo tendo lido sobre personagens ou poetas que falaram dele? Só quando fazemos experiência desse coração é que nos damos conta da imensidão, do abismo desse vazio e dessa tristeza. Impressiona-nos reconhecer que são incomensuráveis. E o que isso diz de nós? Ilustra o quanto somos grandes e que não podemos contentar-nos com uma coisa qualquer.

Mas alguém poderia pensar: «Perceber essa sensação de vazio, essa tristeza ou essa desproporção é um contra!» Eu não concordo: imaginem se Aquele que nos faz, como criou tantos pássaros, não poderia ter criado outros seres que se contentassem com o que são ou outros astros que pudessem girar perfeitamente sem sentirem nenhuma falta, ou outros peixes e cães! Mas ele quis criar seres que pudessem participar de uma plenitude que os cães nem podem sonhar. Perceber toda a vibração do humano é o sinal – dizia um gênio como Leopardi – da nossa grandeza; se uma pessoa é leal com sua experiência, não pode deixar de reconhecê-lo. Ao cão não falta nada, mas eu lhes pergunto: «Quando se apaixonou, você gosta de sentir saudades dela ou dele? Ou preferiria ser uma pedra, pois assim não sentiria saudades?» As pedras não sentem falta de nada, mas tampouco aproveitam nada! Ainda bem que às vezes as coisas não ocorrem como nós pensamos, porque a vida seria chata, se reduziria a algo a ser suportado!

Agora, pelo menos, começamos a enxergar que tudo o que a vida traz à tona em nós – a sensação de vazio, a tristeza – mostra como é grande o nosso coração, como somos feitos para uma plenitude que está além de qualquer imaginação.

Isso, antes de tudo, oferece-nos a possibilidade de não renunciarmos à grandeza do nosso coração, pois fomos feitos para algo grande, para uma plenitude cada vez mais impressionante; em segundo lugar, impede-nos de nos deixarmos enganar por quem quer que seja, de nos contentarmos achando que qualquer coisa sirva. O Mistério nos jogou na batalha da vida com o detector para identificarmos, como disse nossa amiga, pessoas nas quais podemos ver essa grandeza vivida. Encontrar pessoas assim deixa-nos certos de que o que nós esperamos existe, de que o vazio que às vezes sentimos e a tristeza que experimentamos são, como diz Santo Tomás, «desejo de um bem [ainda] ausente», mas real. Por isso, a sua tristeza, amigo, não é uma objeção; pelo contrário, é o que nos impede de nos contentarmos.

Impressiona-me que esta nossa natureza, apesar de tudo o que aprontamos, de todas as nossas tentativas de fugir, de todas as tentativas de escondê-la e de nos distrair, não desiste de nós; e de dentro de nós impele-nos a procurar aquilo para o qual fomos feitos. A aventura da vida está nessa procura. Qual é, então, a coisa decisiva? Para podermos identificar as presenças de que ela falou, é preciso atenção. Quanto mais a vida nos desafia e provoca, mais é fácil identificar as pessoas que vibram com a plenitude que desejamos também para nós. O detector para reconhecê-las temos dentro de nós: aquela tristeza é o sinal do desejo de um bem que ainda devemos encontrar.

Portanto, só quem estiver disponível a participar da aventura da vida poderá descobrir, segundo um desígnio que desconhece, pessoas nas quais vê acontecer aquilo que deseja.

Barberis. Eu percebi que, como você disse agora, nossa natureza não desiste. Lendo as contribuições dos jovens, vi que muitos deles seguiram um pouco

sua natureza sem se assustarem, e fazendo assim viram que cresceram, tornaram-se mais conscientes.

Participante. *Quantas vezes não acontece que estamos bem e no auge do que pode ser definido como a “normalidade”, mas apesar disso sentimos uma falta? Mas o que é essa falta? A que se deve? Como pode ser preenchida? Muitas vezes fico com essas perguntas, perguntando-me por que não estou realmente satisfeito, por que estou afundado em medos e inseguranças? Quando estava bem, bastava pouco para mudar meu humor: um simples imprevisto ou uma questão deixada em aberto que me roía como uma traça. O que me ajudou a me reencontrar, a me compreender e a me posicionar com mais consciência perante as dificuldades foi o diálogo; encontrar pessoas com uma humanidade infinita que se faziam as minhas mesmas perguntas ou já tinham encontrado respostas, isso me levou a me abrir, a me pôr em ação, a me compartilhar como elas se compartilhavam. Por tudo isso não posso senão agradecer o grupo dos Colegiais que conheci este ano, e que foi o primeiro ponto de referência e de retomada para aprofundar a minha humanidade. Isso não teria sido possível se não fosse pela minha professora, que num dia monótono como muitos outros me propôs participar de um encontro. Foi suficiente aquela hora junto com o grupo para entender que eu não poderia encontrar em nenhum outro lugar uma correspondência maior e que não poderia mais abrir mão dessa companhia fantástica. E se posso definir como “casa” um lugar para onde posso voltar porque me senti bem, então o Movimento para mim não pode ser definido senão desta forma. Graças ao grupo, e especialmente graças à minha professora, aprendi a olhar os meus medos como amigos, a descobri-los em vez de escondê-los, pois até os medos fazem nascer perguntas sobre a nossa humanidade e nos põem em movimento para descobrirmos a nós mesmos. Geralmente em ocasiões especiais, como por exemplo o nosso aniversário, antes de apagar as velinhas nos dizem: «Faça um desejo», mas assim que fazemos já o esquecemos, pois o consideramos apenas um desejo; ao passo que o desejo é na verdade o motor primeiro para cada um de nós. Quando desejamos,*

tentamos encontrar um meio para saciar a nossa fome de vida, e isso nos leva a nos abriremos para o diálogo, para a alteridade, para a fecundidade da vida. Desejar é como apagar as velinhas, mas continuando a manter acesa a chama dentro de nós.

Participante. *Há duas semanas um fato grave abalou a mim e a toda a minha classe: um colega de classe, amigo, embora não dos mais próximos, tirou a própria vida. As semanas passadas, principalmente os primeiros dias, foram cheios de dor, como se uma lança tivesse atravessado a mim e a todos os meus amigos; uma coisa inimaginável, humanamente arrasadora. Realmente a dor nos faz ser todos irmãos, radicalmente desarmados, impotentes e confusos. Postos todos diante de um fato tão grave, houve porém uma grande união e verdade na relação com todos os meus colegas, amigos e professores, que eu nunca havia experimentado antes, embora desde sempre fosse desejável. É verdade mesmo que, quando somos postos diante de algo grande e doloroso, imediatamente somos despertados do nosso torpor cotidiano e somos chamados a ser leais com nós mesmos e com quem quer que tenhamos à frente. Sobretudo, junto a essa grande dor eu pude experimentar uma grande proximidade e, conseqüentemente, uma gratidão infinita pela companhia de amigos que me foi dada e pelo dom da minha fé, que me faz dizer com certeza que o meu colega e nós não acabaremos no nada, mas n'Ele. A companhia que me sustentou estes dias passou por muitas formas: mensagens, áudios, ligações, visitas e a oração preciosa, que peço também a todos vocês. Realmente desejo que todo mundo possa encontrar uma amizade assim, o único jeito para conseguir atravessar qualquer dor sem querer eliminá-la, que é exatamente a tentação que eu também sinto agora mais viva, dado que já passou algum tempo e o impacto obviamente é muito mais fraco. Alguns dias atrás, repensando no que ocorreu, percebi que esse fato dramático me chama e nos chama a ser mais conscientes de que a nossa humanidade é constituída por um grito insuprimível de felicidade que, se se tornar mendicância e não isolamento em nós mesmos (atitude que – reconheço – é preciso enfrentar todos os dias),*

pode tornar-se de verdade a brecha pela qual entra o bem, a beleza, a luz e o amor. Para mim tem sido todo dia assim. Fico impressionado principalmente com duas coisas. A primeira é que esse evento grave se inseriu em todo o caminho deste ano sobre o tema da dor, provocado por diversos fatos que me levaram a descobrir muitíssimas pessoas que testemunharam e testemunham hoje que é possível viver qualquer circunstância, até a dor. É mesmo verdade que nada nos poderá separar do amor de Cristo e que em todas estas coisas nós obtemos a mais completa vitória graças Àquele que nos amou, como disse São Paulo. A segunda é que me dou conta de que o que eu disse – isso me está bem claro – não é fruto de uma capacidade minha, mas de algo que me é dado e que desejo que conquiste cada vez mais a minha vida inteira, também e sobretudo dentro das minhas obtusidades e fragilidades. Enfim, desejo que a radicalidade em estar diante das coisas suscitadas neste período por um fato tão ruim – que ainda não entendo e espero que não aconteça a mais ninguém – se torne cada vez mais presente na minha vida; desejo ser ajudado a viver esta mendicância de verdade e realidade todo dia, e também que todo mundo, especialmente quem está no desespero e no abismo da dor, possa experimentar esse abraço de amor total.

Participante. *Queria contar dois fatos. O primeiro diz respeito à escola. Desde o início deste ano me perguntei o motivo por que, dentre todas as escolas, eu escolhi justamente aquela, o que havia lá que me fez escolhê-la. Em quatro anos eu não tinha encontrado o sentido, e este ano trabalhei muito sobre isso, a partir do que um professor meu disse na reunião com meus pais: «A filha de vocês é boa, é atenta, é presente, poderia ser considerada a melhor aluna da sala, mas precisa se apaixonar, precisa pôr algo de si nas coisas que enfrenta na escola». Pois bem, o que me faltava era justamente a paixão que permite aproveitar as coisas até o fundo. Assim me pus em movimento, um passo por vez. Não foi fácil, e não nego que às vezes eu me forçava mesmo a estudar, exatamente como disse Carrón no encontro dos formandos: para se apaixonar pelo estudo, a única coisa a fazer é estudar. E é assim, efetivamente só podemos*

fazer desse jeito. Eu tentei, e até que encontrei alguma coisa: agora eu tenho gosto em fazer as coisas e até me satisfaço ao entender coisas em latim, ao ver por que escreviam de um determinado modo em grego; gosto muito de ler a história. O segundo fato ocorreu recentemente. Já faz muito tempo que falam de um jovem doente que tem ELA, no Tríduo também falaram. Uma querida amiga minha me convidou para ir visitá-lo, e assim eu fui junto com um grupinho. Depois de ter esperado um tempo no terraço – que é maravilhoso! –, entramos e deparei com uma figura parada na cama com olhos admirados. A primeira coisa que nos disse foi: «O que estão fazendo aqui? Por que bem aqui?» Eh, o que estávamos fazendo? Conversamos sobre isso mesmo, sobre o que nos tinha levado a ir visitá-lo. Depois houve um momento de silêncio, ele nos olhou um por um nos olhos, com um olhar penetrante, daqueles que falam e olham dentro de você, espreitando no profundo. Então nos perguntou quem éramos e o que fazíamos. A forma que ele tinha de conversar conosco parecia, apesar de tudo, de uma normalidade incrível. Assim que saímos, fui para a varanda e a única coisa que pude fazer foi cair no choro, eu tinha segurado as lágrimas, mas depois não consegui mais. Fiquei jogada contra a parede, como aqueles Legos montados que, jogados contra a parede, mostram as peças que compõem o conjunto. Estive na condição de dizer: «E agora, o que é que eu vou fazer? E agora que vi uma pessoa que pode viver assim, apesar de não poder fazer nada, o que eu vou fazer?», como se tivesse vivido até aquele momento como um vulcão adormecido, que é silencioso, não dá sinais de atividade, mas não está extinto. Pôs-me diante de como realmente devo enfrentar a realidade sem ficar travada no meu fazer. Mas como faço? Eu acho tão difícil dizer, como disse aquela pessoa: «Eu me confio completamente, eu me abandono completamente». Ele disse que era um instrumento nas mãos de Deus, então não era ele quem nos atraía, mas aquele Ele que por meio da sua pessoa se mostrava a mim. Mas eu, como faço? Como faço para ter a certeza de que depois não haverá contraindicações? Eu vejo as coisas que acontecem, vejo-as e me admiro. Vejo aquela pessoa com ELA e é evidente que há algo por trás, mas

depois, quando se trata de mim, tudo desaba, pois já não sei como me mover. O que tenho de fazer agora que tudo isso me foi apresentado?

Carrón. Primeiro Francesco disse: «Ver que crescemos». Nós podemos entender se algo que nos aconteceu na vida foi verdadeiramente útil para nós se crescemos como consciência de nós mesmos. Como quando alguém estuda: em que se vê que aprendeu alguma coisa? Se quando faz uma prova consegue dar as razões de um argumento; se após ter estudado o conhecimento não cresceu, fica igual ao que estava antes. Vemos isso todos os dias: não basta estar na aula e esquentar a cadeira como se fôssemos uma pedra, e não basta atravessar passivamente a pandemia. Precisamos ter consciência do que aprendemos, com a escola e com a pandemia. Todos fazemos o teste do que aprendemos com as provocações da vida. Recentemente pensei muito no fato de que, agora mesmo que começamos a voltar à chamada “normalidade”, todos nós fazemos o teste de como vivemos os meses da pandemia.

Pude ler um artigo de uma jornalista espanhola que mora no centro de Madri e, da janela de sua casa, viu explodir a vida, a vida noturna; havia meses que todos esperavam poder voltar, poder começar de novo a viver, poder encontrar os amigos para ficar junto deles. Mas essa jornalista não notou só isso; poderia ter ficado satisfeita e dito que finalmente voltamos à normalidade. Mas se perguntou: de todos esses que estiveram nas ruas em Madri a noite inteira, «quantos foram dormir felizes essa madrugada»? (R. Montero, “Hoje, aqui, agora”, *clonline.org*, 21 de junho de 2021). Com essa pergunta, cada um de nós deve fazer o próprio teste – de fato, já o está fazendo –, porque, quando voltamos a viver o que por meses esperamos (a volta à normalidade), vemos se crescemos, se esse «ver que crescemos» aconteceu de alguma forma na nossa vida. Todo mundo foi desafiado em todos estes meses, como dissemos antes, e talvez todos tenhamos pensado: «Finalmente entendi! E quando voltar à normalidade poderei encarar a vida com mais consciência, sem perder tempo, apegado ao que é fundamental

para viver e sabendo o que me tira o medo». Essa jornalista também escreveu isso, acostumada à vida, falando de amigos que foram diagnosticados com câncer e «garantem que a doença lhes abriu os olhos e que, se saírem dessa, nunca mais voltarão a desperdiçar o tempo, a se preocupar com bobagens e a deixar de apreciar os verdadeiros valores da vida». Fico impressionado, porque parece descrever uma situação que muitas vezes nós também vivemos: em algum momento é como se o nosso olhar se escancarasse e finalmente vissemos a vida com clareza, em toda a sua dramaticidade, em todo o seu mistério, em toda a sua força de provocação; e pensamos que passou a ser nosso esse olhar aberto que pudemos experimentar naquele momento. Mas essa jornalista nos desafia, escrevendo que aqueles amigos, uma vez curados, se esquecem do que descobriram durante a doença e «voltam a recair [...] na mesma confusão sobre o que são e o que desejam» (Ibidem). Por quê? Porque o olhar deles se escancarou, sim, mas não se tornou deles, não foi conquistado até o ponto de permanecer no momento da volta à normalidade.

Na minha opinião, essa é a maior ajuda que devemos dar-nos para não perdermos não apenas aquilo que outros podem ter-nos dito, mas principalmente aquilo que vimos com nossos próprios olhos. A vida nos provocou, escancarou o nosso olhar, e nós vimos as coisas com mais clareza, sem a obtusidade de sempre, sem aquela neblina que às vezes nos impede de ver distintamente, vimos com nossos próprios olhos. Mas é como se depois de um tempo a neblina voltasse a descer e nós retornássemos ao ponto de antes, sem termos aprendido nada. Por isso sempre me impressiona a frase de Eliot: «Onde está a vida que perdemos vivendo?» (T.S. Eliot, “Coros de ‘A Rocha’”, *Poesia*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 175). Perder a vida vivendo, isto é: em vez de crescermos para nos aparelharmos cada vez mais em relação à vida, é como se muitas vezes, de tudo o que vivemos – e que nos foi dado precisamente para crescermos, para aprendermos a viver, para compreendermos cada vez mais a nossa vida, para entendermos como

podemos estudar melhor, como aproveitar o estudo, como estar diante das dificuldades – não sobrasse nada.

Parece que agora temos na nossa frente uma oportunidade espetacular: na pandemia o desafio era saber como viver perante o vazio de que falamos antes, ou perante a solidão, ou perante a impossibilidade de ver os amigos e de poder dividir com os colegas as horas de aula. Mas agora o desafio não diminuiu, para aqueles da vida noturna de Madri e para todos nós que temos de voltar à dita “normalidade” e que no primeiro fim de semana um pouco mais livre nos chocamos com a tragédia do teleférico de Mottarone, com a ELA de um amigo ou com o suicídio de um colega de classe. É diante dessas circunstâncias da vida que nós podemos entender se fizemos a experiência de crescer, se crescemos. Não basta ter atravessado a pandemia, não basta ter estado na aula para ter aprendido alguma coisa; não basta fazer determinados gestos para sobrar algo que enriqueça a vida e permita não recomeçarmos sempre do zero, como se não tivéssemos aprendido nada. Para a vida ser vida, ou seja, uma aventura, é preciso nos aparelharmos: isto é fundamental para aproveitarmos o estudo e os relacionamentos, para entendermos qual é a importância dos amigos, para descobrirmos as respostas às perguntas mais urgentes que temos, para enfrentarmos todos os desafios que temos à frente.

Por isso, agora todos nós temos uma tarefa. E qual é a tarefa, pessoal? A de vocês, a minha, assim como a da jornalista espanhola, assim como a dos jovens da noite de Madri, qual é? Fazer a verificação do que aprendemos no *lockdown*, na pandemia. Se aprendemos algo ou se já o esquecemos; até perceber que esquecemos alguma coisa já é parte dessa verificação, pois assim podemos agarrá-la de novo, podemos ser amigos a ponto de não deixarmos para trás o que intuímos, o olhar novo que identificamos como desejável para viver. Há uma aventura fascinante que nos aguarda: fazer a verificação do nosso crescimento. Seria um verdadeiro pecado se toda a dificuldade destes meses se perdesse no nada, se não crescêssemos por não termos captado o significado de tudo o que vivemos.

Por isso, ajudarem-se e ajudarmo-nos mutuamente agora, dividindo a autoconsciência nova que alcançamos e a consciência de termos crescido, parece-me o maior gesto de amizade que podemos fazer uns aos outros a fim de que o que vivemos não acabe no esquecimento. Nós tivemos a sorte de encontrar um grande amigo – Dom Giussani – que viveu com uma consciência que não o deixava perder as coisas que lhe aconteciam, e por isso ele nos ajuda a viver. De que nos lembramos? O que enriqueceu a nossa vida para sempre? Cada um o vê quando, diante de algumas situações novas, se lembra de fatos que estavam depositados ali, na gaveta da sua memória, e enfrenta as circunstâncias justamente à luz desses fatos. Portanto, de que nos lembramos? Não lembramos tudo, são tantas as coisas que esquecemos! Só lembramos as coisas que julgamos, pois julgando-as nos damos conta realmente de que crescemos.

Todos nós vivemos estes meses, uns mais outros menos (depende da seriedade com que vivemos), todos aprendemos algo, todos vimos algo, e de algum modo o nosso olhar se escancarou; mas que tenham ocorrido fatos grandes ou pequenos – como vocês disseram –, nem por isso nos fizeram crescer, pois também a um cachorro acontecem as coisas, mas ele não é capaz de julgar. Nós também podemos viver como cães, sem a consciência de sermos homens e mulheres, sem nos darmos conta das coisas. E não por maldade, mas por uma falta de seriedade para com nós mesmos. Fazendo assim, desperdiçamos a ocasião para crescer. Por isso, parece-me que no fim do ano letivo, tendo mais tempo livre e menos estresse, e podendo então relaxar, nós podemos dar-nos esta tarefa para o verão: quando estivermos na praia, na montanha, passeando ou numas férias, e nos vier algum pensamento sobre o que aprendemos, tomemos nota: será como encher o arquivo da memória com uma riqueza experimentada. Olhem, por exemplo, para a frase de Dom Giussani citada por Pe. Andrea no Tríduo e repetida por Francesco anteriormente: «A solução dos problemas que a vida coloca todos os dias “não vem diretamente de enfrentar os problemas, mas de aprofundar a natureza do sujeito que os enfrenta”». Giussani pôde dizer essas coisas

porque, vivendo assim, a certa altura aprendia. E nós podemos aproveitar o que ele aprendeu, podemos enfrentar as circunstâncias com a riqueza acumulada de alguém que se dava conta das coisas. Da mesma forma, vocês também poderão ajudar-se uns aos outros: quando se apaixonarem poderão ajudar o namorado ou a namorada a entender o que é viver, e no futuro poderão tornar-se pais ou mães sem terem de começar tudo do zero; só poderão oferecer a seus filhos o sentido da vida se não desperdiçarem o tempo agora, ou seja, se tudo o que acontece na vida os fizer crescer. Senão voltaremos à dita “normalidade”, vivendo como antes, tendo perdido a ocasião.

Barberis. Acho que ninguém quer perder a vida vivendo, ninguém gostaria de perder o que viu (como você disse antes) com os próprios olhos, não gostaria de entrar de novo na neblina que ofusca as coisas. Eu penso muito nisso, e não só para os jovens, também para mim, para minha família, para os adultos que encontro. Ninguém gostaria de perder a vida, mas acontece.

Carrón. Claro.

Barberis. E por que com você não acontece? Você acabou de usar o verbo “julgar”, para conservar o que aconteceu. Eu já disse no começo, essa é uma das coisas que mais me impressiona, que mais me ajuda a viver meu dia a dia. Pergunto-lhe se você poderia dar mais uma palavra sobre isso, pois me parece um ponto crucial, mas também o mais pressuposto e que mais facilmente perdemos.

Carrón. Essa foi uma das coisas que mais me fascinou quando encontrei Dom Giussani, uma graça que experimentei através dele mesmo. Fiquei fascinado porque, antes de encontrá-lo, também acontecia comigo o que acontece com vocês: eu tinha a minha humanidade como vocês têm a sua, tinha as minhas tristezas como vocês têm as suas, tinha as minhas perguntas como vocês têm as suas, e me sucediam coisas como sucedem também a vocês, mas eu nunca tinha me dado conta de que tinha nas mãos um instrumento; só me dei conta disso pelo encontro com Dom Giussani: eu

tinha a capacidade de julgar. Fazer experiência não é apenas provar algo, não basta ocorrer algo na vida para que possamos falar de experiência; de fato, podemos provar muitas coisas, mas de quantas aprendemos, quantas nos fazem crescer? Esta descoberta revolucionou minha vida, e por isso sempre dizia a Dom Giussani: «Vou agradecer-lhe por toda a minha vida, porque desde que o encontrei, você me permitiu fazer um caminho humano com consciência»; eu estava entusiasmado com isso! Quando uma pessoa quer caminhar, estudar ou fazer pesquisas de laboratório, a questão é aprender o método. Não adianta ter momentos de genialidade, é preciso aprender um método pelo qual tudo o que acontece na vida – bom ou ruim, não importa – me faça aprender algo. Porque, como disse uma amiga minha: «Um experimento é sempre um experimento»; mesmo quando o experimento não dá o resultado esperado, ainda assim você aprende alguma coisa. Quando vai comprar um sapato, você experimenta e pode dizer: «Não, este não é meu número». Sempre cresce, não só quando acha a resposta exata, mas também quando erra. Imaginem poder viver com essa tensão para que nada do que acontece na vida seja perdido; mas se não for julgado, perde-se. Por isso eu estava entusiasmado, e desde que encontrei Dom Giussani não desejei nada além de que este método, que ele descreve no primeiro capítulo de *O senso religioso* – não no volume 38 mil, não, no primeiro capítulo de *O senso religioso!* –, se tornasse meu. E ao longo do tempo fui ficando cada vez mais entusiasmado. Se eu pude fazer isso, vocês também podem, se quiserem: aprender um método que lhes permita aprender com tudo. Não é que vocês tenham de ser capazes ou não possam errar ou confundir-se, pois sempre é possível aprender, em qualquer situação em que vocês se vejam. Por isso faço tanta questão de dizer-lhes: não estou aqui para resolver algum problema específico que vocês tenham, mas para indicar-lhes um método útil em qualquer situação em que estejam, para aprenderem com qualquer eventualidade: pandemia, vazio, tristeza, melancolia, mal, erros, tudo, tudo tudo! Então não devemos censurar nada, que é como dizer que não queremos desperdiçar nada. Ficou claro?

Participante. *Estes últimos dias têm se revelado meio difíceis. Frequentemente me descubro cansada e triste, porque às vezes parece que o primeiro impacto com a realidade sempre produz uma ferida em relação à expectativa e ao desejo grande que tenho. Há dias em que realmente vem à tona todo o peso da contradição e da minha impotência, e este ver-me abatida é motivo de escândalo. Queria estar sempre presente de verdade, queria que as coisas fossem claras e simples, e queria viver a cada momento aquela plenitude verdadeira e aquela obediência que reconheci. Nisto, o absurdo que percebo é que, se este meu estar inquieta é motivo de escândalo para mim, não o é para meus amigos, que me obrigam a olhar para tudo o que brota de mim sem deixar nada de fora e que amam meu coração como eu mesma não o amo, guardando como precioso o que eu trago. Tenho em mente dois episódios desta semana – mas poderia citar outros tantos – nos quais me dei conta mesmo de que sou olhada e amada porque existo, e por nada mais. O primeiro foi uma conversa que tive com dois amigos na quinta-feira à tarde. Foi curta, mas de uma verdade profunda, pois ficava claro que a grandeza está realmente no caminho, no reconquistar sempre as coisas maiores e mais verdadeiras e no reconhecermos-nos constantemente necessitados. Porém, mais do que tudo isso, o mais bonito não foi o que dissemos, ainda que esteja me fazendo companhia, mas o fato de que esses amigos estejam lá para mim, que eu possa perguntar a eles quando não entendo e que sejam meus companheiros de um jeito que não pode senão gerar gratidão e que me chama a viver e a estar nas coisas que me são pedidas. O segundo episódio foi no sábado à tarde. Tivemos o ensaio do coro, ao qual eu não ia fazia duas semanas por causa da quarentena, e foi bonito porque me vi abraçada de um jeito tão grande por aqueles amigos, que de verdade já era suficiente o fato de eu estar ali. Vejo que este bem que recebo, que ali ficou evidente, me liberta, porque posso simplesmente seguir e pôr-me em caminho mesmo com todas as dificuldades e objeções; parece que nos momentos em que estou mais abatida ou não entendo há uma ternura e um cuidado para comigo, porque me são apresentados sinais inequívocos de uma*

amizade que me cobre com sua superabundância. Como me disse um amigo querido: o método se torna a companhia, não sou eu quem me impõe seguir ou estar presente, coisa que às vezes eu faço, porque no fundo quero fazer sozinha, mas trata-se mesmo de ser guiada e acompanhada a cada passo. São amigos que com sua presença me indicam um caminho: «Siga-me, que eu te guio», como disse Jesus aos discípulos. Vivo tendo em mente o rosto dos meus amigos mais queridos, e para mim dar-me conta disto é a coisa mais importante: sempre redescobrir que não estou sozinha, que há uma companhia que nunca me deixa na mão, que sou sujeito de um amor que não me pede nada em troca, mas espera apenas que eu ceda diante da correspondência grande que sinto. Estou redescobrendo uma dimensão de comunhão e filiação na qual sou totalmente abraçada, e em virtude desse bem que recebo vejo-me tranquila em última instância, como se houvesse uma confiança última. Diante do estudo que nos espera, da formatura, da escolha da faculdade, dos grandes esforços exigidos de alguns amigos, posso não ter medo só porque constantemente sou segurada pela mão, pois dependo desse amor e nisto posso pedir tudo.

Carrón. Viu só? O que você disse demonstra que já está fazendo esse caminho: por um lado, o primeiro impacto com a realidade muitas vezes te provoca uma ferida, você enxerga uma contradição, sente toda a sua impotência – bem-vinda ao clube dos seres humanos! –, e a inquietude que sente te escandaliza: «É um escândalo para mim», disse. É como se não soubesse qual lugar ocupa na vida, qual papel tem toda essa voragem que temos dentro de nós. E como não o entendemos, achamos que a melhor solução seja tirá-la. Porém, uma vez que não podemos eliminá-la e ela nos deixa confusos, então nos escandalizamos. Mas a certa altura aparece uma novidade: você encontra amigos que olham para essa sua humanidade sem se escandalizarem, e isso te permite olhar para si mesma sem escândalo. É a mesma coisa que aconteceu comigo: eu via a audácia com que Giussani olhava ou falava daquilo que me escandalizava, e isso me permitia olhar as coisas que eu não conseguia olhar, como você. Impressionou-me o grande testemunho que Dom Giussani deu na Praça de São Pedro, diante do Papa e

da Igreja, em 1998 (está publicado no início de *Deixar marcas na história do mundo*). Começou seu discurso falando do olhar que cruzou com sua vida, o olhar de Jesus: «Mulher alguma jamais ouviu outra voz falar de seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto de seu seio, com uma afirmação totalmente positiva de seu destino; só a voz do judeu Jesus de Nazaré». Esse olhar não é de escândalo, mas é um olhar cheio de ternura, de valorização do fruto do seio de uma mulher, é afirmação do destino que Jesus introduziu na história. «Mas, mais ainda, nenhum homem pode sentir-se afirmado com essa dignidade de valor absoluto, independentemente de qualquer sucesso seu», a não ser quando é olhado por Cristo. «Ninguém no mundo jamais pôde falar assim! Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade.»

Por isso, os amigos que você encontra, que podem te olhar sem escândalo, que podem olhar para sua humanidade assim, abraçá-la assim – como eu me sentia olhado e abraçado por Giussani –, são o sinal de Cristo que chega a você através deles. O olhar d’Ele começa a se tornar deles, olham para você como foram olhados; e por meio deles você poderá aprender a olhar a si mesma de um jeito diferente. Em vez de continuar escandalizando-se, você encontra neles a possibilidade de reconquistar as coisas maiores e mais verdadeiras, como você disse, pois começa a olhá-las não como algo para jogar fora por não entender para que servem; olha para elas com toda a certeza com que Jesus olhava para a samaritana, que tinha a mesma sede que você tem quando acorda; a certeza com que Jesus olhava para a pecadora que havia errado, para Zaqueu ou para Pedro. O olhar d’Ele permitia que cada um deles não se escandalizasse com o que na vida deles não estava certo – Jesus veio justamente para aqueles que não estão em ordem, veio não para os saudáveis, mas para os doentes; não para os justos, mas para os pecadores –. É um olhar que abraça todo o nosso humano. Foi Ele que traçou a estrada, e através dos amigos chegou até nós, pois não podíamos nem sonhar com esse olhar, se não tivesse chegado a nós por uma corrente de testemunhas, até alguém que olhou para você, que se escandalizava com sua própria

humanidade. Jesus permanece hoje, e você pode reconhecê-Lo como a samaritana O reconheceu: porque você vê em si mesma um olhar como o que ela viu em si. Se aqueles amigos não tivessem encontrado Jesus, nunca teriam te olhado assim – nunca mesmo! –, e você não olharia para si mesma assim, a não ser depois de ter encontrado alguém que te olhou assim. Não é? Quanto a isso não podemos nos confundir, não podemos achar que a partida já está ganha entre nós: não podemos olhar assim a não ser quando esse olhar começa a tornar-se nosso. Ele criou uma companhia onde esse olhar possa tornar-se cada vez mais nosso e cada vez mais cotidiano: mesmo quando nosso humor varia, quando não há *feeling*, quando ficamos obtusos e a neblina nos cobre, sempre há alguém que nos olha de um jeito diferente, e isso nos permite continuar a caminhar. Por isso, como disse o seu amigo, o método é a companhia, mas não qualquer companhia; só é método a companhia que olha para você assim, e você a reconhece porque consegue escancarar de novo o olhar, consegue sair do escândalo e da medida com que olha para si mesma, e volta a caminhar. Então você entende que nunca está sozinha, e não só porque tem alguém por perto, mas porque todos nós, coitados como somos, olhando-nos assim mutuamente, te damos testemunho do olhar que Alguém chamado Jesus introduziu na história até chegar a nós. Não há outra forma para olhar bem para a realidade, para nós mesmos e para o destino (inclusive o do amigo que se suicidou ou que está doente): olhar para tudo com o olhar com que fomos olhados.

Esta é a aventura mais fascinante da vida. Senão perdemos a vida, e não porque ela não tenha sentido, mas porque, apesar de existir o sentido e nós o termos encontrado, apesar de ter revestido a nossa vida, nós muitas vezes ficamos presos. Mas todo esse nosso “ficar presos” e todos os nossos erros não podem impedir-nos de reconhecer a verdade, quando a vemos acontecer luminosamente. É uma pena que tantas vezes vivemos como zumbis, distraídos em relação ao que a vida é! Os amigos, os amigos verdadeiros, aqueles com quem iríamos até o fim do mundo e enfrentaríamos qualquer situação, são os que nos ajudam sempre e de novo a vermos da maneira certa,

não porque nos poupam o contato com nossa própria humanidade, mas justamente porque diante do meu caos, do meu escândalo e da minha impotência me olham com esse olhar que nunca poderá, mas nunca mesmo, ser arrancado da história: «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos» (Mt 28,20). Nós temos sorte porque Ele nos alcançou; e se você, minha amiga, se deixar olhar assim, poderá olhar assim para os seus colegas, não baseado num bom desempenho, não baseado numa conquista, mas porque esse olhar já se tornou seu.

É assim que podemos ser testemunhas de algo que está em nós, mas cuja origem não está em nós, pois é um dom gratuito que nos foi concedido. Como não maravilhar-se – em vez de escandalizar-se – toda manhã com essa sorte? Se você acordasse toda manhã consciente da graça que recebeu, como tudo mudaria! Em primeiro lugar, mudaria o sentimento de si mesma antes de encarar o dia, independentemente do que tenha para fazer, porque você foi investida por esse olhar! Como será que a samaritana não acordou depois de ter cruzado com aquele olhar? Como será que Zaqueu não acordou depois de ter sido olhado por Jesus? Como será que Pedro não acordou, ele que O traía, depois de Jesus lhe perguntar se O amava? É para essa vida que somos convidados, independentemente da nossa fragilidade e da nossa fraqueza, independentemente dos nossos erros.

É essa aventura que nós não queremos perder, depois que, por graça, cruzamos com ela ao longo da vida.

Barberis. Agradeço a todos por este dia. Um enorme obrigado a Julián, a Andrea e aos amigos aqui presentes. Vemo-nos em breve. Bom verão a todos!

Carrón. Tchau. Bom verão!

